

CAPÍTULO 1

Um desprezo saudável pelo impossível

Sergey Brin e Larry Page subiram no palco ouvindo a gritaria e a emoção que adolescentes normalmente exibem frente a estrelas de rock. Entraram no auditório por uma porta traseira, deixando para trás fotografos, óculos escuros, dois carros alugados com motoristas e uma bela jovem que viajava com Sergey. Vestidos casualmente, sentaram-se e abriram sorrisos, satisfeitos com a recepção digna de heróis. Estavam próximos ao berço da civilização, a milhares de quilômetros e um oceano de distância de onde seu trabalho em conjunto havia começado. Aquele parecia um bom lugar – como qualquer outro seria – para a dupla de jovens estrelas, cuja ambição é mudar o mundo, falar sobre o que fizeram, como fizeram e quais eram seus sonhos para o futuro.

“Vocês conhecem a história do Google?”, Page perguntou. “Vocês querem que eu conte?”

“Sim!”, gritou o público.

Era setembro de 2003, o cenário estava montado e centenas de estudantes e professores daquela escola israelense queriam ouvir tudo o que os jovens inventores tinham a dizer. Muitos ali se identificavam com Brin porque, como ele, conseguiram escapar da mãe Rússia com suas famílias em busca de liberdade. Identificavam-se com Page da mesma forma, já que ele fazia parte da dupla que havia criado a ferramenta de informação mais poderosa e acessível daquele tempo – um mecanismo que fomentava uma mudança que já tomava o mundo todo. Como crianças jogando basquete e sonhando em ser o próximo Michael Jordan, os estudantes queriam ser como Sergey Brin e Larry Page.

“O Google começou quando Sergey e eu éramos estudantes de doutorado em ciência da computação na Universidade de Stanford”, começou Page. “E nós não sabíamos exatamente o que queríamos fazer. Eu tive uma idéia maluca de fazer o download da Internet inteira no meu computador. Disse ao meu orientador que não levaria mais de uma semana. Depois de mais ou menos um ano, eu tinha um pedaço dela.” Os estudantes riram.

“Ser otimista é importante”, ele continuou. “Temos que ser meio bobos com os objetivos que estamos traçando. Eu aprendi uma frase na faculdade que diz: ‘É preciso ter um desprezo saudável pelo impossível.’ Essa é uma frase muito boa. Vocês precisam tentar coisas que a maioria das pessoas não tentaria.”

Extremamente confiantes de sua visão e realizações, Brin e Page tiveram sucesso desde que começaram a trabalhar juntos. Eles não queriam que ninguém – nem competidores, nem investidores externos – atrapalhasse ou interferisse de alguma maneira. Essa combinação de dependência mútua com a independência de todo o resto contribuiu imensamente para o sucesso que tiveram.

“Vocês acham que o Google foi o ponto alto de suas carreiras?”, esta foi a primeira pergunta dirigida a Brin e Page.

“Acho que foi o menor dos feitos que esperamos alcançar nos próximos 20 anos”, disse Brin. “Mas eu acho que, se o Google for tudo que conseguir criar, não acho que ficaria muito desapontado.”

Page pensou diferente: “Eu ficaria muito desapontado”, ele disse. “Nós ainda temos muitos anos pela frente.”

Outro estudante perguntou sobre os concorrentes do Google.

“No início, eram Excite, Alta Vista e outros”, Page disse. “Eles não tinham um foco tão grande nas buscas, então o problema com eles não foi tão grande como poderia ter sido. Hoje em dia, nós temos muito mais concorrentes e isso faz com que nosso desafio seja muito maior. O Google, provavelmente, será sempre uma empresa de tecnologia de médio porte. Nós temos mais de mil pessoas trabalhando no Google e estamos começando a ter escritórios no mundo todo. É por isso, em parte, que estamos viajando por aí. Esse é o verdadeiro teste para nós. A parte mais difícil é saber se vamos conseguir tudo isso em longo prazo, quando o Google tiver entre dez e 20 anos de existência, ou se vamos ser engolidos pelas outras empresas. Inventar alguma coisa e ter uma grande idéia dá muito trabalho”, Page continuou. “Mas não é o suficiente. Você precisa levar sua idéia para o mundo. No Google nós fazemos isso através de uma combinação de habilidades científicas, matemáticas e de computação, além da capacidade de deixar todos motivados com o trabalho.”

Foi então que os olhos das pessoas que estavam na sala saíram de Page e Brin e foram até dois homens que entravam pela porta dos fundos do auditório. Uma onda de excitação tomou conta dos estudantes e, então, Page e Brin também puderam perceber quem eram os homens: Mikhail Gorbachev, o ex-primeiro-ministro da União Soviética, e Shimon Peres, o estimado líder político israelense que celebrava seu octogésimo aniversário naquela semana. Gorbachev, cujas ações políticas haviam iniciado as transformações que levaram liberdade e capitalismo à Rússia, era um herói para o grupo de estudantes ali presente, por ter permitido que suas famílias deixassem o país em busca de uma nova vida. Os estudantes russos ficaram de pé e o aplaudiram.

Com um sorriso, Gorbachev trocou apertos de mão com Sergey e Larry, que pareciam extasiados. Eles estavam ali, com 30 anos, dividindo o palco com dois políticos de longa data, líderes mundiais com seus lugares garantidos na História. E, por um momento, o palco da escola se transformou em um palco mundial, o lugar onde o passado, o presente e o futuro convergiam com um potencial ilimitado.